Recensões

Gomes-Ribeiro, P., Durand, J., Freitas, J., & Gaspar, F. (Coord.). (2021). *Música, género, sexualidades:* *Musical trouble… after Butler.* Edições Húmus (240 pp.)

BEATRIZ NUNES

O livro *Música, género, sexualidades: Musical Trouble… After Butler* assinala a primeira publicação portuguesa exclusivamente dedicada ao cruzamento disciplinar entre os estudos de género e as ciências musicais. O livro resultou de uma seleção de oito artigos inéditos da autoria de investigadores em música na NOVA FCSH, associados às unidades de investigação CESEM[1] e INET-md[2], ativos nos campos do género e da sexualidade. Na introdução,

DOI: https://doi.org/10.34619/fo3a-rmky
Ciência ID: C71D-173B-C725
ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-9814-4509
* Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (NOVA FCSH), Instituto de Etnomusicologia: Centro de Estudos em Música e Dança, 1069-061 Lisboa, Portugal
beatriz.nunes@fcsh.campus.unl.pt

1. Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da NOVA FCSH.
2. Instituto de Etnomusicologia: Centro de Estudos em Música e Dança da NOVA FCSH.

Paula Gomes Ribeiro contextualiza a origem do volume após a primeira conferência internacional promovida pelo NEGEM[3] em 2015, *Musical trouble… after Butler…*, onde se propunha uma análise sobre o impacto e integração da obra de Butler na investigação musicológica portuguesa. *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* convoca o legado teórico de Judith Butler e o impacto da sua obra na teoria crítica feminista contemporânea, observando o género como um elemento performativo e fluido de expressão e representação sociocultural. Apesar de o volume não ter como objetivo discutir o estado da arte da investigação em género e musicologia, é apresentado um breve resumo de algumas das primeiras obras de referência neste campo de estudos como *Feminine endings* (McClary, 1991), *Queering the pitch: The new gay and lesbian musicology* (Brett, Wood & Thomas, 1994) e *Gender and the musical canon* (Citron, 1993).

O livro apresenta três eixos temáticos: Binarismo de género e relações de poder; Personagens, narrativas e (re)definições de género; Músicas, espaços e dinâmicas sexuais. O primeiro capítulo, de Maria José Artiaga, descreve o percurso da maestrina e compositora austríaca Josephine Amann-Weinlich (1848-1887), pioneira que desenvolveu uma intensa atividade artística pela Europa e Estados Unidos da América no final do século XIX como regente da Orquestra de Senhoras de Viena. O estudo incide sobre as construções de género da época, sendo a vigilância dos corpos das mulheres instrumentistas evidente, desde a sua interdição na execução de instrumentos de metal às expectativas de feminilidade da sua apresentação em palco. O texto permite refletir sobre a necessidade de negociação da identidade feminina no contexto de um papel musical conotado com o masculino, como é o caso da regência de uma orquestra, bem como a dependência das relações patriarcais na construção da carreira da maestrina. No segundo capítulo é apresentado o estudo de Ângela Portela, onde é analisada a receção das atrizes-cantoras Cinira Polônio (1857-1938), Etelvina Serra (1882-1973) e Palmira Bastos (1875-1967) na imprensa escrita luso-brasileira do início do século XX. A autora afirma que regularmente a crítica antecipa a dimensão "mulher" na representação da figura artística feminina, avaliando-a primeiro através dos modelos de género esperados nessa sociedade, e só

3. O Núcleo de Estudos em Género e Música, associado ao CESEM, inaugurou o estudo sistemático sobre género e música em Portugal na última década.

depois aplicando as expectativas transversais à proficiência artística. Este contexto prejudicou especialmente mulheres instrumentistas e compositoras, atuantes num campo tradicionalmente dominado por homens. A autora chama a atenção para os conflitos e contradições entre os valores dominantes na opinião pública e as aspirações de emancipação das mulheres, particularmente sentidos por artistas inseridas no mercado de trabalho da música na transição para o século XX.

No terceiro capítulo, Isabel Pina debruça-se sobre o papel da crítica musical Maria Helena de Freitas nas sociabilidades musicais portuguesas do século XX através da relação amorosa com o compositor Luís de Freitas Branco. A autora aponta a importância de Maria Helena na construção da carreira do compositor, sendo a crítica musical responsável pela organização da sua vida profissional, bem como pela gestão pessoal e emocional entre o "mestre" e o seu círculo social. O estudo discute como as estruturas sociais e pessoais puderam ditar um lugar de subalternidade a mulheres integradas em atividades artísticas, criticando a marginalidade de Maria Helena na narrativa histórica. No capítulo seguinte, Teresa Gentil propõe uma abordagem etnomusicológica ao percurso da cantautora angolana Aline Frazão (n. 1988), salientando a dimensão simbólica da sua música e a apresentação pública em conflito com as expectativas sociais e políticas sobre o seu género e etnia. Gentil reflete sobre as estratégias de afirmação musical de Aline enquanto intérprete e criadora, comparando os seus dois primeiros discos, onde fica patente uma fluidez de identidade de género na desconstrução de uma apresentação inicialmente delicada e feminina para uma presença mais dura e conscientemente andrógina. Apesar de este caso estar separado por mais de um século das mulheres analisadas nos capítulos anteriores, entende-se que a objetificação do corpo das mulheres, bem como os estereótipos de beleza e feminilidade a elas associados, permanecem enraizados. Segundo Gentil, a opressão de género força as mulheres a mudarem não apenas a sua produção musical e performance, mas também a sua personalidade, imagem e expressão.

No primeiro capítulo da segunda parte, Filipe Gaspar discute os papéis de género e representações de não normatividade na opereta portuguesa oitocentista. O autor analisa representações sobre género masculino e feminino nos libretos de obras músico-teatrais, revelando uma consciência sobre um modelo de masculinidade hegemónica e os seus processos

de vigilância e punição. Esta análise permite aprofundar o conhecimento sobre o estatuto de homens e mulheres na sociedade portuguesa no final do século XIX, discutindo o papel das masculinidades associadas às perspetivas nacionalistas da época, a autodeterminação da mulher sobre o seu corpo, ou ainda o travestismo como um recurso teatral satírico e transgressivo. No capítulo seguinte, Joana Freitas considera a banda sonora da série televisiva *Game of Thrones* como ponto de partida para a análise das construções de género sobre duas protagonistas femininas. A autora revela como a música é um aspeto central na definição de poder e identidade das personagens Cersei Lannister e Daenerys Targaryen, através da utilização de *leitmotive*, da escolha da instrumentação e da densidade sonora, que acompanha o desenvolvimento da definição sociopolítica e psicológica das personagens na narrativa.

Na terceira e última parte de *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler*, Júlia Durand centra o seu ensaio na utilização de música na produção audiovisual de pornografia. É abordado o papel da música na construção de ambientes que promovem a erotização dos filmes, estando as escolhas musicais associadas a construções sobre sexualidades e definição de públicos. A criação destes ambientes assenta num processo de categorização musical que identifica determinadas narrativas com expressões sexuais, considerando a autora que este é um território que possibilita o reforço ou a subversão de estereótipos de género e de sexualidades. No último capítulo do livro, Marco Freitas faz um estudo etnográfico sobre a dança do "engate" enquanto dimensão performativa de predisposições sexuais no contexto de três bares do *Roteiro gay lisboeta*. O autor chega a interessantes conclusões sobre a definição de disponibilidade sexual e designação de papéis sexuais e de género através da dança. Freitas destaca como regularmente estes papéis são transferidos de estereótipos heteronormativos para o domínio homossexual entre homens, implícitos nas conceções de "masculino" e "feminino" sob a forma do dualismo "ativo" e "passivo". O autor reflete sobre a dimensão de poder implícita nestes discursos e comportamentos, operada em estruturas binárias entre dominador/dominado, concluindo que estes processos obedecem a uma manutenção de valores do tipo heteronormativo.

Eis um livro que convida a uma reflexão necessária e emergente no contexto português sobre os estudos de género como um campo

teórico-metodológico útil e atual na abordagem a práticas musicais. Considerando que estas práticas traduzem códigos dominantes de masculinidades, feminilidades e sexualidades das culturas em que se inserem, a música é um território crítico de produção expressiva de identidades e estruturas de poder determinadas pelo género. A falta de consenso na academia portuguesa sobre a fundamentação das perspetivas da crítica feminista poderá ser uma das razões que justificam a implementação tardia deste campo de estudos, que contrasta com a expansão que se observa internacionalmente desde os anos 1990 (Pereira, 2021; Amâncio & Oliveira, 2014). *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* constitui assim uma obra inteiramente dedicada à interdisciplinaridade entre música e género, argumentando a pertinência inequívoca de se considerar o género como uma dimensão indispensável na musicologia portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amâncio, L., & Oliveira, J. M. D. (2014). Ambivalências e desenvolvimentos dos estudos de género em Portugal [Ambivalences and developments in gender studies in Portugal]. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, *32*, 23-42.

Artiaga, M. J. (2021). "Grace, skill and refinement": A orquestra de senhoras de Josephine Amann-Weinlich ["Grace, skill and refinement": Josephine Amman-Weinlich's ladies orchestra]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 21-46). Edições Húmus.

Benioff, D., & Weiss, D. B. (Executive producers). (2011-2019). *Game of Thrones [TV series]*. HBO.

Brett, P., Wood, E., & Thomas, G. C. (Eds.). (1994). *Queering the pitch: The new gay and lesbian musicology*. Taylor & Francis.

Citron, M. J. (1993). *Gender and the musical canon*. University of Illinois Press.

Durand, J. (2021). Perversom? Música e sexualidades na pornografia audiovisual [Perversom? Music and sexualities in audiovisual pornography]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 181-205). Edições Húmus.

Freitas, J. (2021). Music is coming, a música como veículo de poder em personagens femininas na série televisiva *Game of Thrones* [Music is coming, music as a power agent in Game of Thrones' tv series' female characters]. In P. Gomes-Ribeiro, J.

Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 153-177). Edições Húmus.

Gaspar, F. (2021). "Sou delicado, é de nascença…", representações da não-normatividade de género na opereta oitocentista em Portugal ["I am delicate, I was born this way…", gender non-normative representations in nineteenth opereta in Portugal]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 115-151). Edições Húmus.

Gentil, T. (2021). Singer-Songwriter Aline Frazão's gender and political activism: From "Delicate Girl" to "Badass". In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 85-111). Edições Húmus.

McClary, S. (1991). *Feminine endings: Music, gender, and sexuality*. University of Minnesota Press.

Pereira, M. D. M. (2012). 'Feminist theory is proper knowledge, but…': The status of feminist scholarship in the academy. *Feminist Theory*, *13*(3), 283-303.

Pina, I. (2021). Companheira, mensageira e apaziguadora de ânimos: Maria Helena de Freitas e o "mestre" através da sua correspondência com Fernando Lopes-Graça [Partner, messenger and temper soother: Maria Helena de Freitas and the "master" through her correspondence with Fernando Lopes-Graça]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 69-84). Edições Húmus.

Portela, A. (2021). Cinira Polônio, Etelvina Serra e Palmira Bastos: Uma análise da crítica luso-brasileira entre 1870 e 1910. [Cinira Polônio, Etelvina Serra e Palmira Bastos: an analysis of Brazilian-Portuguese musical critic between 1870 and 1910]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 47-68). Edições Húmus.

Roque de Freitas, M. (2021). "Salve-se quem puder", a performance do "engate" nas discotecas do roteiro gay de Lisboa ["Run for your life", the performance of "pickup" in Lisbon's gay clubs]. In P. Gomes-Ribeiro, J. Durand, J. Freitas & F. Gaspar (Coord.), *Música, género, sexualidades: Musical trouble… after Butler* (pp. 208-230). Edições Húmus.

Aceite para publicação/ Accepted for publication: 16/05/2022

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC)